

QUALIDADE E AUTO-CITAÇÃO

A disseminação do conhecimento é etapa decisiva no processo de investigação científica. Um reforço à esta assertiva se exemplifica com o caso de acervos documentais que não sejam disponibilizados farta e livremente pelas instituições públicas detentoras de sua guarda. De fato, há casos relevantes de museus e bibliotecas que, com ou sem intenção, não cumprem o seu papel de abrir seus acervos aos pesquisadores, colocando em questionamento sua própria existência. Da mesma forma, a divulgação final do resultado da pesquisa assume similaridade com este exemplo, ainda que por caminho distinto. O periódico científico encerra, em sua conceituação formal (BEZERRA e PEREIRA, 1996), sistemas que previnem o problema da retenção da informação, como acima mencionado. Casos há, entretanto, de limitações do acesso, representado exemplarmente pelos grandes conglomerados editoriais que detém os direitos de centenas de revistas, com artigos fornecidos gratuitamente por seus autores, e os disponibilizam virtualmente por preços escorchantes. Mas verifica-se uma crescente abertura da informação científica por meio da democratização da informação, algo que vem sendo paulatinamente aperfeiçoado por diferentes agentes, sendo um deles, notadamente, a BIREME (SILVA, FERLA e GALLIAN, 2007).

Além desta função basilar antes discutida, não há como negar que a divulgação do conhecimento, através do periódico científico, é forma concreta de construção da vida acadêmica de um pesquisador. Com esta oferta de sua produção é que se faz conhecer o pensamento de um pesquisador e, também relevante, é pelo sistema intrínseco ao conceito de periódico científico (BEZERRA e PEREIRA, 1996), o exame por pares, que se dá chancela ao produto do pesquisador. Vê-se, portanto, que o sistema de divulgação científica tem uma construção lógica e efetiva ao que se propõem. Entretanto, com ajustes mais finos propostos pelas agências de fomento em pesquisa e, particularmente, pela CAPES no que se refere aos programas de pós-graduação, a moeda corrente no mercado acadêmico transformou-se no número de publicações. Houve, posteriormente, uma modificação de seu valor nominal para publicações em determinados periódicos agrupados segundo critérios próprios definidos pela CAPES. Finalmente, mais recentemente, essa moeda começa a assumir o valor do índice H (HIRSCH, 2005). Assim, o número de artigos publicados em determinado estrato de periódicos já não se afigura como o mais relevante e, sim, o número de citações que o artigo recebe por parte

dos pares. Trata-se da relação entre o número de publicações de um pesquisador e o número de citações que ele recebe, com isto, pretensamente estaria se medindo a qualidade científica desse autor.

Sem dúvidas, as citações bibliográficas de um determinado autor deve refletir o interesse na comunidade de sua produção, variando este índice internamente de acordo com o interesse gerado sobre uma ou outra de suas contribuições. Portanto, em uma leitura descomprometida da questão, o índice H pode traduzir a relevância da produção de um pesquisador. Claro, resta saber se a produção de um autor com baixíssimo índice H é totalmente irrelevante ou se o contrário, o elevado índice H para um autor o qualifica como um gênio da ciência. Como *in medium virtus*, certamente os extremos também não assumem qualificação de verdade absoluta. De fato, outros fatores contribuem para a ocorrência da citação. Entre eles, a acima mencionada e discutida acessibilidade às fontes bibliográficas – fator relevante que muitas vezes é relegado ao plano da nulidade por muitos gestores da meritocracia. Outro aspecto é a citação intestina de grupos acadêmicos e o rechaço do reconhecimento de outros grupos, sem falar da dificuldade dos pesquisadores, digamos, autônomos, dito grosso modo.

Esses pontos apresentados levam à questão central desta discussão, ou seja, a auto-citação e suas relações com a visibilidade acadêmica e os índices bibliométricos e suas conseqüências. Aqui não se discute outro aspecto, talvez preliminar, da auto-citação que é a referência que um autor faz em seu próprio artigo de trabalhos publicados na mesma revista corporativa em que costuma publicar. Esta prática é usual e recomendada por alguns editores para inflar o Fator de Impacto de seu periódico, mas a própria Thomson Reuters, responsável pela análise do Journal Citation Records, reconhece este tipo de procedimento e toma as devidas medidas no momento de calcular o fator de impacto para um determinado periódico.

Uma vez esclarecido o escopo do comentário, a auto-citação autoral e não de periódico, cabe salientar que a auto-citação poder ser pessoal ou inter-pessoal. Em francas palavras significam, eu me cito e eu peço que tu me cites. Nesse sentido, recomenda-se a leitura de interessante estudo por Vaz e Caregnato (2003) que discutem não a auto-citação, mas a própria citação, sua razão de ser e a possibilidade de obter-se um perfil do pesquisador através do estudo das citações que faz, ou melhor dito, descobrir seu *modus operandi* como pesquisador através do conjunto de citações que costuma utilizar. De fato, esta leitura permitirá inferir, então, o artificialismo da auto-citação compulsiva. Deve-se, pois, discutir esses dois tipos de evento.

No caso da citação pessoal, verifica-se uma inclusão excessiva, por parte do autor, de artigos pretéritos, em suas publicações mais

recentes. Certamente esta prática, nos devidos limites, tem sua razão de ser, mormente quando se considera uma seqüência de publicações, de um mesmo autor ou grupo, sobre um tema de investigação progressiva, uma linha de pesquisa, por exemplo. Em resumo, a produção de um artigo pode depender de conhecimento advindo e outro artigo do mesmo autor. De fato, conforme Carvalho (1976) esta é a explicação dos cientistas quando questionados sobre o fato da auto-citação. De qualquer modo, a auto-citação não essencial, auto-volitiva ou por “narcisismo acadêmico” como propõem Caldas e Tinoco (2004), não tem razão no meio acadêmico. No segundo caso, a citação interpessoal, identifica-se uma constante citação de artigos de um mesmo grupo por diferentes autores desse mesmo grupo. Trata-se de um acordo cíclico que pretende estabelecer a hegemonia de um determinado grupo. Este é um expediente de fácil verificação. Nesta condição, também se identifica um fator deletério adicional quando esses grupos, muita vezes intencionalmente, excluem a produção relevante, para o tema em estudo, de autores de outras instituições. Em um estágio mais avançado de nocividade acadêmica, apresentam conhecimentos importantes e concretos de sua própria lavra, mas sem citar fontes que já introduziram o mesmo tema, na busca de um ineditismo oportuno ou simplesmente, como anteriormente, para negar o crédito a grupos externos.

Como discutido ao longo deste texto, a auto-citação, como elemento bibliográfico, não é, intrinsecamente, uma atitude reprovável e tem sua razão de ser. Entretanto, deseja-se chamara a atenção à uma série de razões periféricas que induzem a auto-citação de forma ostensiva. Com esta discussão, espera-se contribuir para que a ética em pesquisa, a ética do pesquisador esteja cada vez mais presente na prática acadêmica.

Marcos da Cunhas Lopes Virmond
Editor

REFERÊNCIAS

CALDAS, Miguel P. TINOCO, Tatiana. Pesquisa em Recursos Humanas nos anos 1990: um estudo bibliométrico. *RAE-DOCUMENTO*. V.44. n. 3. 100-114, 2004.

CARVALHO, Maria de Lourdes Borges. Estudo de citações da literatura produzida pelos professores do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, 5(1/2):27-42, 1976

HIRSCH, J.E. An index to quantify an individual's scientific research output. *PNAS*, v. 102, n. 46, 16569-16572, 2005.

MIRANDA, Dely Bezerra de, PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O Periódico Científico com veículo de Comunicação: uma revisão de literatura. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996.

SILVA, Márcia Regina Barros da; FERLA, Luis e GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. Uma 'biblioteca sem paredes': história da criação da Bireme. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2006, vol.13, n.1 [citado 2010-02-14], pp. 91-112.

VANZ, Samile Andréa de Souza, CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 295-307, jul. /dez. 2003.